

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA “POUCO” EM APOCALIPSE 17:10

Milton Luiz Torres¹

RESUMO

Em anos recentes, algumas discussões vêm ocorrendo, no meio teológico adventista, com respeito ao significado exato da palavra grega *oligon* no verso “São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer *durante pouco tempo*” (Ap 17:10). Os estudiosos já perceberam que a expressão “durante pouco tempo” traduz esta única palavra grega, que significa simplesmente “pouco”. O termo “tempo” fica subentendido pelo contexto, enquanto a tradução “durante” é exigida pelo fato de que o adjetivo *oligos* aparece no caso acusativo (*oligon*), o que lhe concede valor adverbial e lhe acrescenta a ideia de duração, como acontece, por exemplo, na tradução da passagem na Nova Versão Internacional. Obviamente, a intenção aqui não é ser dogmático. É simplesmente propor alguns aspectos relevantes para a discussão de uma passagem que ultimamente tem se tornado tão capital para as discussões escatológicas.

Palavras-chave: Apocalipse. Bíblia. Teologia.

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor permanente do Mestrado Profissional em educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).
E-mail: milton.torres@unasp.edu.br.

Em anos recentes, algumas discussões vêm ocorrendo no meio teológico adventista com respeito ao significado exato da palavra grega *oligon* no verso “São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer **durante pouco tempo**” (Ap 17:10; grifo nosso). Os estudiosos já perceberam que a expressão *durante pouco tempo* traduz essa única palavra grega, que significa simplesmente “pouco”. O termo *tempo* fica subentendido pelo contexto, ao passo que a tradução *durante* é exigida pelo fato de que o adjetivo *oligos* aparece no caso acusativo (*oligon*), o que lhe concede valor adverbial e lhe acrescenta a ideia de duração, como acontece, por exemplo, na tradução da passagem na Nova Versão Internacional. Stefanovic (2002, p. 515), importante expoente da escatologia adventista, corretamente interpreta a expressão como significando “*for a short time*”, isto é, “por um curto tempo”. De acordo com o autor:

O anjo explica a João que as sete cabeças da besta (cf. Ap 13:1) simbolizam sete sucessivos poderes mundiais sem Deus que dominaram o mundo ao longo da história e perseguiram o povo de Deus (Ap 17:9-11). O anjo afirma ainda que cinco desses impérios (Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia) governaram o mundo antes da época de João; o sexto, Roma, era o poder mundial da época de João; o sétimo é descrito como uma manifestação futura em relação à perspectiva de João. (STEFANOVIC, 2002, p. 411).

Para Stefanovic (2002), a besta de Apocalipse 13 está na fase da sétima cabeça, o que significa que ela sucede ao Império Romano. Isso o leva a afirmar que “o único período histórico após a desintegração do Império Romano que se encaixa nessa fase da sétima cabeça é a opressão político-religiosa do povo de Deus durante a Idade Média” (STEFANOVIC, 2002, p. 411) por Roma Papal. Cria-se, então, um dilema sobre o significado da expressão *oligon* (“durante pouco tempo”) que sugere que esse poder não deveria ter uma duração tão longa, o que é contrariado pela extensa influência de Roma Papal mesmo após a Idade Média.

Esse dilema tem levado alguns teólogos adventistas a debaterem uma possível diferença de significado entre os dois principais adjetivos gregos que trazem o sentido de *pouco* (*mikros* e *oligos*), atribuindo ao primeiro a noção de “pouco” em quantidade, e ao segundo, a de “pouco” em qualidade. A questionável ideia de atribuir significados rígidos, independentemente do contexto, às palavras do Novo Testamento (NT) não é nova, tendo sido levada ao auge por Trench (1876), arcebispo de Dublin, na Irlanda. No entanto, mesmo esse teólogo obcecado pelos sinônimos do NT não enxergou nenhuma diferença notável entre *oligos* e *mikros*.

Em função desse debate, ocorreu-me a ideia de investigar o que os antigos pais gregos diziam em relação à interpretação de *oligon* em Ap 13:10. O problema é que só duas fontes antigas mencionam essa passagem. A citação mais antiga ocorre em Hipólito, um escritor eclesiástico do terceiro século A.D. que escreveu uma obra intitulada O

anticristo (38.4), da qual se conservam algumas partes (HIPPOLYT, 1897). No entanto, apesar de fazer menção ao verso, não se detém nele.

Felizmente, para nós, a outra citação vem justamente do único comentário do Apocalipse que nos chegou da Antiguidade. Trata-se da obra de certo Ecumênio, filósofo do sexto século A.D., cujo comentário foi descoberto em 1901 por Franz Diekamp (OECUMENIUS, 1928). Dele também nos chegaram cartas trocadas com Severo, bispo de Antioquia, que revelam que Ecumênio era casado, tinha o título de conde, morava na cidade de Isáuria, na Ásia Menor, contava com a reputação de ser muito erudito e fazia parte da família imperial (SUGGIT, 2006, p. 4-5).

Ao interpretar o capítulo 17 de Apocalipse, Ecumênio faz a seguinte afirmação: “ele [João] diz que ‘as sete cabeças são sete montes nos quais a mulher está sentada’, o que é uma indicação muito clara de que está falando de Roma, pois Roma é descrita como a cidade das sete cristas [*heptalophos*] e nenhuma outra cidade tem essa denominação”. Como se percebe, Ecumênio crê que a besta é Roma. No entanto, sua declaração em seguida qualifica que Roma se torna a besta quando persegue os cristãos:

Por que ele [João] disse, apesar dos muitos imperadores de Roma, que o animal tinha apenas sete cabeças? Ele disse isso, pois os sete foram especialmente responsáveis por fazer com que a besta, ou seja, o Diabo, levantasse a cabeça contra os cristãos, provocando perseguições contra a igreja. Estes foram: primeiro, Nero; segundo, Domiciano; depois, Trajano; Severo; depois dele, Décio, Valeriano e Diocleciano. Quando estes eram os imperadores de Roma, eles perseguiram a igreja sem restrições [*anedên*].

Porém, o mais importante no comentário de Ecumênio não é sua interpretação de que as sete cabeças da besta representavam os sete imperadores de Roma que empreenderam grande perseguição aos cristãos até o decreto pelo qual Constantino tornou o Cristianismo uma religião lícita. O que nos interessa, aqui, é como o exegeta interpretava o sentido de *oligon* em Ap 13:10. Trata-se de um grego, escrevendo em grego para dar uma interpretação grega a uma expressão grega. Nesse sentido, não é atrás de sua interpretação da besta que estamos indo, mas sim de sua compreensão acerca da referência temporal da passagem. A esse respeito, ele assim se pronuncia:

Ele [João] diz que desses sete, cinco caíram pela morte: Nero, Domiciano, Trajano, Severo e Décio, mas que ainda havia um, ou seja, Valeriano. O outro, ele diz, ainda não chegou e, “quando ele vier, deve permanecer por um pouco”. Ele quer dizer que o outro é Diocleciano, após o qual a sede do Império deixou de estar em Roma e foi transferida para a cidade que recebeu o nome do piedoso Constantino, que foi o responsável por mudar as políticas do império. O evangelista foi informado de tudo com muita precisão, especialmente em relação a Diocleciano, quando ele disse: “E quando ele vier, ele deve permanecer por um pouco”. “Permanecer” [*meinai*] se refere ao tempo gasto em sua perseguição contra os cristãos, pois ele começou a perseguição nos últimos dois anos antes de deixar o reino, embora tenha reinado por vinte anos.

De modo interessante, por causa da expressão *se encaminha para a perdição*, Ecumênio considera que o próprio Diabo seria uma oitava cabeça:

Ele [João] diz: “Quanto à besta que era e não é, ele é um oitavo, mas ele vem dos sete e se encaminha para a perdição” [*eis apôleian hypagei*]. Ele colocou o Diabo em primeiro e por último como perseguidor e da mesma opinião [*homognoma*] que os sete. Pois como o Diabo também poderia deixar de ser contado entre eles, uma vez que foi ele que ordenou [*stratêgêsas*] que os sete fossem tão ímpios [*ponêrous*]?

O interessante no modo como Ecumênio trata Ap 17:10 é que ele aponta para o fato de que há duas referências temporais importantes na passagem sob estudo: o verbo *meinai* (“permanecer”) e o adjetivo com valor adverbial *oligon* (“por um pouco”). Em sua compreensão, o imperador Diocleciano seria um bom candidato para preencher essa posição porque ele governou por muito tempo (cerca de 18 anos), mas permaneceu mais dois anos que lhe possibilitaram empreender uma ampla perseguição aos cristãos. Depois disso, a capital do Império foi transferida de Roma para Constantinopla, e o imperador abdicou do governo.

Portanto, podemos discordar de Ecumênio quanto à sua posição de que as sete cabeças de Ap 17 sejam os sete imperadores romanos que empreenderam grandes perseguições aos cristãos até o Cristianismo ser oficializado como religião lícita. Obviamente, essa posição tem pouco peso escatológico. No entanto, se quisermos ler o texto grego de Ap 17:10 como um grego de uma época mais próxima ao NT leria, nossa interpretação precisa satisfazer os seguintes critérios:

- a) a sétima cabeça deve se referir a um poder que “permanece”, isto é, tem duração considerável;
- b) a sétima cabeça deve se referir a um poder que “permanece por um pouco”, além do tempo de expectativa de sua duração;
- c) o advento de um oitavo poder deve representar uma quebra na hegemonia secular tão drástica quanto foi a transferência da capital do Império de Roma para Constantinopla.

Obviamente, a intenção aqui não é ser dogmático. É simplesmente propor alguns aspectos relevantes para a discussão de uma passagem que ultimamente tem se tornado tão capital para as discussões escatológicas.

REFERÊNCIAS

HIPPOLYT. De antichristo. In: ACHELIS, H. (Ed.). **Hippolyt's kleinere exegetische und homiletische Schriften**. Die griechischen christlichen Schriftsteller. Leipzig: Hinrichs, 1897. p. 1-47.

OECUMENIUS. Commentarius in Apocalypsin. *In*: HOSKIER, H. C. (Ed.). **The complete commentary of Oecumenius on the Apocalypse**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1928. p. 29-260.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the book of Revelation. 2. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002.

SUGGIT, J. N. Introduction. *In*: OECUMENIUS. **Commentary on the Apocalypse**. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2006. p. 1-18.

TRENCH, R. C. **Synonyms of the New Testament**. 8. ed. London: MacMillan, 1876.